

## O TEXTO LITERÁRIO COMO *CONSTRUCTO* DE SENTIDOS: UMA PROPOSTA SOB O OLHAR BARTHESIANO

Maria Luana de Araújo Cunha<sup>1</sup>  
Gisela Maria de Lima Braga Penha<sup>2</sup>

### RESUMO

Nesse artigo pretendemos analisar e propor caminhos relativos ao trabalho com a literatura no Ensino Fundamental como também refletir acerca da forma pela qual o texto literário é abordado, de uma maneira geral, nas aulas de literatura. São feitas, também, algumas considerações sobre a concepção de literatura e suas funções. Nesse sentido, apoiamos-nos em Aguiar e Silva (1993), Roland Barthes (2004), Umberto Eco (2003), além de outros teóricos que discutem sobre essa questão. Como já apontado por estudiosos, há necessidade de reformulação do ensino de literatura, e, nesse sentido, traçamos, no presente artigo, um caminho possível por meio das três forças da literatura preconizadas por Barthes, com o objetivo de contribuir para o aprimoramento do trabalho com o texto literário no Ensino Fundamental.

**Palavras-chave:** Ensino Fundamental; Ensino de literatura; Teoria da literatura.

### ABSTRACT

In this article we intend to analyze and propose ways towards the work with literature in elementary school but also reflect on the way in which the literary text is approached, in general, in literature classes. We also have made some considerations on the literature's conceptualization and its functions. In this sense, we were supported by Aguiar e Silva, Roland Barthes, Umberto Eco, and other theorists who discuss this issue. As pointed out by scholars, there is a strong requirement to reform the teaching of literature, and in that sense, we draw in this article, a possible path through the three forces of literature carried out by Barthes, in order to contribute to the improvement of work with the literary text in Elementary Education.

**Keywords:** Literary literacy; Teaching of literature; Literary theory.

### Literatura: funções, concepções e forças

Vivemos em um mundo cujo mote principal é: para que preciso disso? Ou ainda: qual é a função daquilo? Quando vamos trabalhar com literatura esses questionamentos acerca da função ou utilidade de algo também se fazem presentes. Inúmeros teóricos e estudiosos da área se debruçam acerca desse tema há muito tempo. Umberto Eco (2003), em sua obra, *Ensaio sobre a Literatura*, discorre sobre as funções que a literatura exerce tanto na vida individual quanto na vida social do homem. No campo social é capaz de fazer com que a língua permaneça como patrimônio, mesmo com o

---

<sup>1</sup> Mestranda do Proletras – UFAC e professora de Língua Portuguesa.

<sup>2</sup> Professora da UFAC- Estudante de Pós-doutorado da UNESP/ Assis

passar do tempo, como também é responsável por perpetuar a língua individual do homem, além de poder levar o ser humano a olhar para o texto literário como um espelho, o qual reflete a própria condição humana. Ao referir-se aos contos e, por extensão, ao texto literário, o crítico italiano afirma:

A função dos contos “imodificáveis” é precisamente esta: contra qualquer desejo de mudar o destino, eles nos fazem tocar com os dedos a impossibilidade de mudá-lo. E assim fazendo, qualquer que seja a história que estejam contando, contam também a nossa, e por isso nós os lemos e os amamos. (ECO, 2003, p. 21).

Nessa passagem o autor explica sobre uma das funções da literatura: a de despertar interesse pela leitura de textos literários, já que é possível encontrar a própria história sendo contada através deles, esse desejo de refletir sobre a própria existência é inerente ao homem. Porém, a literatura ao representar a realidade, não objetiva e não se limita a expor uma moral da história como é o caso de algumas fábulas. Esse é um dos problemas que perpassam o ensino de Literatura no Ensino Fundamental, justamente pela confusão que alguns professores fazem com os textos literários, pois algumas vezes exploram o texto de forma errônea, visto que a literatura não se resume apenas em transmitir valores morais, ela extrapola e vai bem mais além.

Na obra *Teoria da Literatura*, ao definir literatura, o autor afirma que:

a literatura se pode e se deve definir como modalidade específica da linguagem verbal, tendo-se desenvolvido a partir de então, em estreito relacionamento com a linguística, estudos sobre os caracteres peculiares e diferenciais da linguagem literária, numa procura persistente e rigorosa da *literariedade*, ou seja, dos elementos e valores que configurarão singularmente aquela linguagem. (AGUIAR E SILVA, 1993, p.47).

Aliada à literariedade, nesse artigo trabalharemos com a concepção de literatura de Barthes em, *Aula* (2004), pois acreditamos que esse conceito de literatura é o que mais se adequa à proposta de se trabalhar com os textos literários na escola, por meio de uma perspectiva de letramento literário. Portanto, conforme nos ensina, Barthes:

entendo por *literatura* não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela visto portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua[...]. (BARTHES, 2004, p. 16-17).

De acordo com Barthes, literatura não é apenas uma sequência de obras ou um setor de comércio, mas sim a escrita de um grande trabalho feito com a linguagem, com o jogo das palavras.

Assim como o autor, também visamos o texto e entendemos que a devida exploração deste, deve ser a prioridade nas aulas de literatura. Além disso, é importante que ele seja abordado como ponto de partida para qualquer atividade, pois é a partir dele que o professor, ao analisá-lo previamente, encontrará a maneira mais adequada de auxiliar no processo de mediação leitora a favor dos estudantes. Acreditamos ainda, que a priorização do texto literário é um dos melhores caminhos quando se busca a formação de leitores.

Existem diversos autores que discordam dessa metodologia para trabalhar com a literatura em sala de aula. Inclusive, muitos professores de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental, continuam trabalhando o texto literário de forma superficial, sem dar valor a um trabalho voltado para leitura, análise e interpretação textual baseados na valorização do texto.

Talvez por esquecimento ou falta de conhecimento, alguns educadores não se atentam para a possibilidade de aliar o ensino de literatura com os conteúdos do currículo escolar de forma contextualizada. Essa estratégia é válida e pode ser muito proveitosa, desde que o professor faça um bom planejamento e tenha como ponto de partida o próprio texto.

Já no Ensino Médio, alguns mediadores permanecem priorizando os estilos e períodos literários em detrimento do texto. Muitas horas de aula são dedicadas a estudar as características e a história dos períodos, enquanto que o trabalho com o texto literário é deixado em segundo plano, resumindo-se a leitura de fragmentos de textos, apenas como pretexto para atividades de identificação de características dos estilos de época.

Ora, não é que o contexto histórico e as características da época em que o texto foi escrito não sejam informações importantes, o que está sendo dito aqui não é isso, são conhecimentos que podem ser abordados desde que se tenha como foco o texto literário, ou seja são informações que podem ser tratadas de forma secundária.

Talvez, esse seja um dos maiores equívocos que perpassam ao ensino de literatura nas escolas, visto que os alunos não compreendem o porquê de estudar sobre um assunto enfadonho, o qual não desperta nenhum interesse neles. Várias horas aulas dedicadas a algo que parece não fazer sentido.

O texto literário, por outro lado, possui essa peculiaridade de despertar o interesse, dependendo da maneira como for trabalhado em sala de aula. Dessa forma, cabe ao professor a elaboração de metodologias pertinentes à realidade da qual os alunos fazem parte.

No decorrer de seu discurso, o pensador francês, Roland Barthes, discorre sobre as forças da literatura e indica três como principais: *Mathesis*, *Mimemis*, *Semiosis*.

O autor considera a importância da literatura como uma possibilidade de adquirir diversos conhecimentos através do texto literário, visto que defende a existência de diversos saberes inseridos nas obras literárias. Além disso, afirma, talvez irônica e enfaticamente, que a literatura é a mais importante das disciplinas, por conter todas as outras ciências dentro do texto literário.

A literatura assume muitos saberes. Num romance como *Robinson Crusoé*, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. (BARTHES, 2004, p. 6).

Essa primeira força da literatura corresponde à *Mathesis*, a qual possibilita ao leitor uma aprendizagem sobre vários conhecimentos que estão presentes nos textos literários. Destarte, a literatura permite esse contato entre as diversas áreas do conhecimento e o leitor, ainda que o objetivo primário ao ler uma obra literária não seja o de se apropriar dos saberes existentes na literatura, de fato tal objetivo pode ser alcançado pelo leitor, mesmo que inconscientemente.

A *Mimesis*, segunda força da literatura, a qual Barthes se refere, é a capacidade de representação da realidade. Através dessa força, as obras literárias engendram narrativas que permitem a construção de situações fictícias, que se passam apenas no texto, contudo as quais representam também a realidade do homem, isto é a literatura fala aos homens sobre o homem.

A última força, porém não menos importante que as demais, é a *Semiosis*, a qual contempla a capacidade que a literatura possui de utilizar os signos de maneira singular, o incrível jogo das palavras, característica marcante das obras literárias.

Nos embasaremos ainda, no conceito de texto oferecido por Barthes, na obra, *O rumor da língua*:

o Texto é plural. Isso não significa apenas que tem vários sentidos, mas que realiza o próprio plural do sentido: um plural irreduzível (e não apenas aceitável). O Texto não é coexistência de sentidos, mas passagem, travessia; não pode, pois, depender de uma interpretação, ainda que liberal, mas de uma explosão, de uma disseminação. O plural do texto deve ser, efetivamente, não à ambiguidade de seus conteúdos, mas ao que se poderia chamar de *pluralidade estereográfica* dos significantes que o tecem (etimologicamente, o texto é um tecido). (BARTHES, 2004, p. 70).

Essa concepção de texto nos remete à plurissignificação existente no conceito de *Semiosis* oferecido por Barthes, linha teórica que estamos seguindo. O autor considera o texto como um tecido, ou seja, um entrecruzamento de palavras que se interligam, sendo que a construção de sentidos do texto acontece quando texto e leitor se “tocam” e produzem um novo evento, um novo texto, uma nova compreensão, por isso o texto é plural, já que mesmo fazendo a leitura de um único texto várias vezes, sempre esse contato entre texto e leitor poderá contribuir para a construção de novos significados. As possibilidades de significações existentes no texto literário não se esgotam facilmente.

A apropriação das concepções referentes às três forças barthesianas da literatura pode ser vista como essencial para qualquer professor de literatura que deseje desenvolver práticas pedagógicas eficientes, as quais, de fato, busquem um ensino de literatura baseado em uma perspectiva de letramento literário, o qual, segundo Cosson, é “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (COSSON, 2014, p. 67).

## **A escola e a formação de leitores**

Um dos ofícios primordiais da escola é a formação da competência leitora dos alunos, o que não é restrito somente ao processo de alfabetização, mas também a um ensino que estimule à leitura espontânea, aquela que é feita não por obrigação, não por ordem de algum professor, ou simplesmente por precisar preencher uma ficha de leitura ou para fazer uma prova.

Esse tem sido um dos grandes desafios que as escolas e professores da educação básica enfrentam cotidianamente. Em muitos casos, os problemas são os mesmos: má formação dos professores de Língua Portuguesa, ausência de um projeto de leitura nas escolas, falta de recursos, enfim existem diversos motivos que podem ser elencados.

Entretanto, mesmo sabendo dos inúmeros percalços existentes na educação brasileira, acreditamos na possibilidade de se formar grupos de leitores, bem como despertar os jovens para a descoberta do texto literário. Todavia existe um caminho que pode ser trilhado para o verdadeiro objetivo ser alcançado. Tal caminho é o próprio texto literário, ele deve ser o ponto de partida para qualquer tipo de trabalho que envolva literatura.

É notório o cansaço dos estudantes nas aulas de literatura, pois já estão saturados de estudarem apenas os períodos literários, os estilos de época, vida pessoal dos autores, momento em que alguns professores utilizam o texto literário apenas como pretexto para esse tipo de análise. Portanto, acreditamos na importância dos estudantes serem conduzidos ao encontro com o texto literário, sem se preocupar com isso ou aquilo, apenas observar o quão significativa pode ser a leitura de uma obra literária. Diante disso, o estudante poderá compreender que o gosto pela leitura passará a existir com o tempo, por meio de prática e do próprio exercício da leitura espontânea. Além disso, perceberá que esse hábito poderá ampliar o próprio conhecimento textual, linguístico e cultural.

Para que esse grandioso objetivo seja alcançado pelo professor de Língua Portuguesa, o aluno deve ter contato com os textos literários desde as séries iniciais a fim de começar a criar familiaridade com a leitura. Além disso, esse trabalho requer um planejamento e estudo prévio, por isso o professor, que deseja despertar a formação de leitores, precisa anteriormente ser um leitor assíduo e planejar suas aulas de literatura, pois de nada adiantará o esforço, se o texto literário não passar a ser o foco nas aulas.

De acordo com Leffa (1996), em sua obra *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística*, existem três tipos de abordagens de leitura: as ascendentes, descendentes e conciliadoras. Segundo a abordagem ascendente, a leitura é vista como um processo de extração de sentidos no texto, ou seja todo o conhecimento está exclusivamente no texto, portanto os conhecimentos prévios do leitor em nada influenciam na construção de sentidos.

Na abordagem descendente a ênfase está no leitor, isto é, o processo de leitura é visto como atribuição de sentidos ao texto, o leitor com seus conhecimentos prévios é quem irá atribuir significado ao texto. Sob essa perspectiva é como se o texto não tivesse grande importância já que todo o conhecimento parte do leitor.

Já na abordagem conciliadora pretende-se não só conciliar a relação entre texto e leitor, mas também conceber a leitura como um processo de interação entre os dois, tendo como resultado dessa interação a criação de um novo evento, ou seja o fruto da interação entre texto e leitor extrapola os conhecimentos que estão presentes no texto, assim como, os conhecimentos prévios que o leitor já possuía.

Baseados na abordagem de leitura conciliadora, entendemos que a construção de sentidos do texto ocorre através de um processo de interação entre o leitor, o texto, e os conhecimentos de mundo que pertencem ao leitor, isto é, o aluno ao iniciar uma leitura passa a ser um agente construtor de sentidos, passa a interagir e a se tornar sujeito do seu próprio conhecimento. Todavia os estudantes não sabem que podem atuar significativamente em sua própria construção de conhecimentos, portanto informá-los sobre isso também é uma maneira de motivá-los a praticar a leitura espontaneamente.

O ensino de literatura precisa de reformulação, precisa ser abordado sob uma nova perspectiva, a partir do texto literário. A realidade nas escolas da educação básica passa por grandes problemas, como por exemplo a disputa da atenção de seus alunos em relação à visualização do aparelho celular. Devido ao avanço tecnológico, está cada dia mais complicado prender a atenção dos estudantes nas aulas, isso porque os alunos permanecem conectados e interagindo através das redes sociais. Mesmo com a aprovação de uma lei que proíbe o uso do aparelho celular na sala de aula, é muito difícil, e porque não dizer quase impossível, que o professor seja capaz de controlar uma sala com aproximadamente quarenta alunos, onde cada um possui, no mínimo, um aparelho celular.

Esse aspecto ilustra a dificuldade que o professor tem em atrair o interesse dos estudantes para as aulas, em meio a essa infinidade de atrativos que o mundo tecnológico disponibiliza. Diante disso, aulas de literatura sem um bom planejamento ou que estejam voltadas apenas aos períodos literários ou a simples leitura do texto literário a fim de responder questionários com respostas fechadas, não atrai a atenção dos estudantes.

Ainda com relação a isso, poderíamos pensar em aulas que tenham o celular como apoio. Deixar de lado ou negar o “mundo” dos alunos também não é um bom caminho para cativar a atenção dos discentes em relação à aprendizagem.

Um dos caminhos, como já foi mencionado, parece ser trabalhar o texto literário de forma inovadora, ajudando o aluno a encontrar sentido no texto e a perceber que o

texto literário pode falar mais dele, do que ele possa imaginar. Ao fazer essas descobertas, o estudante poderá ter a possibilidade de enxergar a literatura de outra maneira, já que dessa forma, ela poderá, também, passar a fazer parte do seu universo.

Ler e não conseguir compreender o que se lê é algo extremamente frustrante. Muitas vezes isso ocorre com os alunos, por isso abandonam a leitura por falta de motivação em ler aquilo que não faz sentido para eles. E quando trata-se de texto literário, a situação fica ainda mais complexa, tendo em vista que vários estudantes do Ensino Fundamental possuem dificuldades em compreender textos simples e conseguir retirar informações explícitas do texto.

Para que se chegue a uma devida compreensão do texto é importante que ele forneça uma estrutura que permita ao leitor construir os sentidos do texto, contudo isso não é suficiente, pela existência de outros fatores que contribuem efetivamente para que se atinja a compreensão leitora, quais sejam, os conhecimentos prévios, os objetivos que foram traçados para tal leitura e a motivação de ler.

## **Letramento literário: da teoria à prática**

Nas aulas de Língua Portuguesa, principalmente, o foco está direcionado ao desenvolvimento da competência leitora dos alunos, já que é papel da escola proporcionar a alfabetização dos estudantes, bem como o letramento para que assim, dentro e fora do ambiente escolar, estes estejam aptos a exercerem plenamente a cidadania e participarem das diversas práticas sociais que os circundam.

Com o decorrer da aprendizagem de leitura/escrita e apropriação do código linguístico, devem ser introduzidos os textos literários em sala de aula. Mas como já se sabe, não é bem isso que tem acontecido: o ensino de literatura por vezes não vem alcançando o devido êxito no que tange ao aprendizado dos alunos, dentre outros fatores, por conta de uma velha confusão que é feita entre os conceitos de literatura, crítica literária e história da literatura.

Desse modo, é imprescindível que haja um melhor aproveitamento do ensino de literatura na escola, porque, como sabemos, ninguém nasce sabendo ler literatura, e esse conhecimento deve ser mediado pelo professor, que é quem irá direcionar o aluno e apontar os caminhos necessários, os quais deverão ser percorridos para uma leitura significativa do texto literário.

É inegável a força humanizadora da literatura, por se tratar de uma arte a qual reflete o próprio ser humano: seus desejos, medos, mazelas, suas incertezas, crenças; enfim, ela espelha o próprio homem e tudo aquilo que está ao redor dele e que com ele se relaciona. Os temas universais presentes nos textos literários, os quais ultrapassam tempo e espaço, são prova do que foi mencionado, por continuarem fazendo sentido e sendo tão atuais aos seres humanos ao longo do tempo.

É importante lembrar que letramento literário, segundo Cosson, é “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (COSSON, 2014, p. 67). Sabendo disso, para que as práticas de letramento literário aconteçam, é necessário que o educador, no que diz respeito ao ensino de literatura, tenha como principal objetivo a exploração do próprio texto literário, para que, a partir dele, o aluno possa se enxergar em algum momento dentro da própria leitura e exploração da obra, projetando-se assim para o universo da leitura e conseqüentemente construindo e atribuindo sentido ao que lê.

A leitura precisa fazer sentido, precisa ter uma utilidade e o aluno necessita de direcionamento para atingir essa construção de sentido, e isso só ocorre quando ele é levado a perceber essa relação da literatura com o homem e consegue fazer uma ligação entre o texto literário e sua vivência de mundo, entendendo que a literatura é uma representação da realidade, podendo ser utilizada, tanto para uma leitura espontânea, prazerosa, quanto para compreender a própria existência humana.

Eis então uma primeira função social da literatura: atuar na formação do homem, espelhar e refletir o próprio ser humano e fazer com que, por meio dos textos, a humanidade possa, ao longo do tempo, experimentar e compreender conflitos que são inerentes a todos, conflitos estes que sempre irão existir, independentemente do tempo que se passe. Além disso, a literatura tem o poder de proporcionar a transmissão de valores culturais de geração a geração.

Portanto, a sistematização do letramento literário é urgente e necessária, mas para que esse processo ocorra adequadamente, é importante seguir um planejamento que favoreça a aprendizagem dos alunos, que contemple suas necessidades e que seja capaz de fornecer andaimes, quando necessário, para o destino final que é a construção de sentidos.

Um relato comum entre os professores da educação básica é o de que os alunos apresentam grande dificuldade na leitura, visto que muitos não entendem o que leem, ou

seja, não fazem uma leitura de fato, apenas decifram o código linguístico através de palavras e frases soltas, as quais não são compreendidas. Quando se trata de texto literário a situação é ainda mais alarmante, já que se muitos alunos, de acordo com as avaliações externas como: Prova Brasil, Enem, Pisa, etc., não conseguem compreender um texto simples, como uma notícia de jornal por exemplo, imagine quando se deparam com um texto literário.

De onde vem essa problemática, se entendemos que a leitura é tão essencial e intrínseca ao homem? Já que a todo momento o ser humano pratica a leitura, não necessariamente de textos literários, pois existem inúmeras possibilidades, a leitura que fazemos das pessoas e do mundo que está ao nosso redor é uma delas.

Com o avanço tecnológico e a popularização das redes sociais houve um considerável crescimento ao acesso e leitura de textos multimodais e imagéticos. No *Facebook*, por exemplo, os alunos compartilham, publicam e leem diversos textos multimodais que utilizam não só textos escritos, mas também textos, imagens, sons e cores, enfim, vários elementos que compõem o texto contribuem para a interpretação textual.

É curioso o fato de que normalmente a compreensão textual é atingida com a utilização desses textos ao serem lidos espontaneamente pelos alunos. É notório que quando leitura, som, e imagem estão articulados entre si, os resultados serão mais eficazes, principalmente em atividades que envolvem adolescentes.

Contudo, mais importante do que esses aspectos supracitados é o que caracteriza-se como elemento central no que diz respeito ao interesse pela leitura é a produção de sentidos. Não existe nada mais desmotivador do que ler algo que não faz sentido, e os estudantes quando se deparam com o texto literário sentem-se assim, desmotivados para ler algo que não compreendem. Daí se explica o estímulo para ler os textos que circulam nas redes sociais, é algo que pertence ao universo infanto-juvenil, faz sentido e está conectado às experiências de vida deles.

É essa conexão entre o texto literário e a vida dos alunos que está faltando nas aulas de literatura. Em primeiro lugar, o texto literário precisa fazer sentido para o estudante, se este não é capaz de construir sentido a partir de uma leitura feita, tal leitura nunca existiu. É impossível dissociar leitura de construção de sentido, pois estão imbricadas uma na outra, esta não existe fora daquela e assim respectivamente.

## **Caminhos para a prática do letramento literário**

Ao levarmos em conta a importância da sistematização do ensino de literatura nas escolas, um aspecto muito importante deve ser abordado: o estabelecimento de objetivos para a leitura, visto que uma leitura com um objetivo, previamente traçado e estipulado pelo professor, torna-se muito mais produtiva do que uma leitura sem objetivos; mas o que se tem observado na sala de aula é uma total e evidente falta de motivação, tanto do professor, quanto por parte dos alunos, motivação esta responsável pelo fracasso da maioria dessas atividades. A leitura, de modo geral, é muito mal sistematizada na escola. KLEIMAN (2013), alerta que:

cabe notar aqui que o contexto escolar não favorece a delimitação de objetivos específicos em relação [às atividades de leitura]. Nele a atividade de leitura é difusa e confusa, muitas vezes se constituindo apenas em um pretexto para cópias, resumos, análise sintática, e outras tarefas do ensino de língua. (KLEIMAN, 2013, p. 32, grifos nossos).

Assim, fica claro que saber para quê deve-se ler textos literários, por exemplo, deve ser enfatizado pelo professor na sala de aula, visto que quando o aluno perceber os motivos que o levarão diante da leitura de textos literários, essa prática passará a ter sentido em sua vida.

Quando os estudantes estão cientes do motivo pelo qual se deve ler determinado texto, a leitura passa a ser mais monitorada, desse modo ocorre maior compreensão do que está sendo lido, e o leitor terá direcionamento durante esse processo, pois já possuirá um primeiro estímulo que o auxiliará na construção de sentidos.

Num segundo passo em direção ao letramento literário, consciente de que este vai muito além de uma simples leitura, é imprescindível partir dos conhecimentos que os alunos já possuem, até chegar, gradativamente, a um novo conhecimento que se pretenda atingir. Como nos sugere COSSON (2014), é necessário conduzir o momento da leitura e seguir quatro procedimentos, quais sejam: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A motivação, como o próprio nome já diz, será responsável pelo incentivo aos alunos para participarem por espontânea vontade da atividade proposta. Este é o momento de preparação do aluno para adentrar o universo da leitura.

O professor pode selecionar dinâmicas ou atividades que sirvam tanto para proporcionar um momento lúdico quanto para o levantamento de hipóteses sobre o texto, que ao longo da leitura serão testadas pelo próprio leitor.

A motivação pode começar com a exposição do próprio título do texto que será lido, nesse ponto é onde o professor começa a despertar o interesse dos alunos, também é uma oportunidade para que os estudantes levantem hipóteses sobre o texto e permaneçam atentos durante toda a leitura para testar essas hipóteses, além disso, nesse momento, é essencial o início da ativação dos conhecimentos prévios, pois os alunos irão iniciar uma busca em seus esquemas mentais sobre aquele assunto.

A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (CÂNDIDO, 2004, p. 174).

Cabe ao professor, estimular, despertar e criar interesse no aluno para uma leitura que será feita posteriormente. Quando o aluno possui objetivos traçados previamente e passa por uma devida motivação que lhe desperte curiosidade, sem dúvida, no final terá uma compreensão maior do texto do que se não dispusesse destes artifícios.

Ou seja, criar expectativas sobre a leitura que será posteriormente iniciada é uma maneira de atrair o interesse do leitor e prender sua atenção; contudo, essa etapa não deve se alongar por mais de uma aula, visto que pode ocasionar uma mudança no foco do que se quer alcançar.

Na introdução do texto, para que o professor obtenha êxito em sua atividade de letramento literário, na sala de aula deve introduzir a obra de uma forma positiva, fazendo com que o aluno tenha uma boa impressão sobre aquilo que será lido. Causar essa sensação no leitor fará com que ele sinta vontade de se apropriar do texto verdadeiramente.

No ato de toda leitura, o indivíduo faz uma série de referências a outras leituras já realizadas por ele anteriormente, ou seja, suas experiências como leitor, crenças, costumes e ideologias atuarão significativamente no processo de construção de sentidos. Isso explica o porquê de um mesmo texto, em momentos distintos, ter mais de uma interpretação para uma mesma pessoa, pois a cada leitura que fazemos modificamos quem somos e mudamos também nossas visões sobre o mundo. Esse

processo de referência é chamado de ativação dos conhecimentos prévios. Conforme Kleiman:

a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente os diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. (KLEIMAN, 2013, p. 15).

Como já foi dito, a ativação dos conhecimentos prévios no momento de novas leituras é necessária, esse diálogo entre leituras que se faz no presente e aquelas que já foram feitas, ocorre constantemente de maneira inconsciente.

Para que um aluno entenda o texto literário de Chico Buarque *Chapeuzinho Amarelo*, por exemplo, é necessário que conheça previamente o texto *Chapeuzinho Vermelho*, para que a partir do entendimento de uma leitura anterior, possa atribuir sentido a uma nova leitura.

Diante disso, percebe-se o quão importante é o papel do professor na seleção dos textos literários que serão utilizados com os estudantes. Não se pode escolher qualquer texto sem verificar se a clientela a quem se destina possui conhecimentos prévios imprescindíveis à compreensão do texto literário escolhido. Não atentar para o grau de importância que essa escolha representa é um caminho em direção ao fracasso no que tange à exploração da leitura e interpretação do texto literário como produção de sentido na sala de aula.

Tão relevante quanto a ativação dos conhecimentos prévios e a seleção do texto literário é a criação de expectativas acerca da leitura a ser realizada. O êxito dessa etapa de criação das expectativas dependerá da maneira pela qual o professor irá conduzir a aula, podendo optar por atividades que estimulem no aluno um interesse em se apropriar da leitura. Fazer com que os estudantes levantem hipóteses sobre o texto literário, por exemplo, apenas com o título do texto é uma forma de estimular a criatividade e consequentemente atrair o interesse para a leitura, já que as hipóteses levantadas anteriormente serão testadas ao longo da leitura.

Partir dos conhecimentos que os alunos já possuem, selecionar criteriosamente o texto que será utilizado e proporcionar a criação de expectativas e levantamento de

hipóteses sobre o texto literário caracterizam os primeiros passos em direção à produção de sentido.

O próximo passo diz respeito à leitura e nessa etapa é essencial a monitoração mais próxima e o acompanhamento dos alunos por parte do educador, pois algum empecilho na compreensão poderá ser mediado pelo professor, o que fará grande diferença na apreensão do texto.

Posteriormente, e com a mediação do orientador, ocorrerá a interpretação, visto que após ter o contato com a leitura do texto, iniciará o processo de construção de sentidos, o qual precisa ser muito bem direcionado, inclusive as atividades de interpretação textual não devem existir simplesmente para recontar o texto ou para responder perguntas com respostas prontas e fechadas; ao contrário disso, tais atividades devem nortear o aluno, a fim de que ele possa articular aquilo que foi lido no texto com a sua própria realidade.

Conforme nos alerta MORAN, “A educação tem de surpreender, cativar, conquistar os estudantes a todo o momento. A educação precisa encantar, entusiasmar, seduzir, apontar possibilidades e realizar novos conhecimentos e práticas” (MORAN 2012, p. 21). Esse entusiasmo, ao qual MORAN se refere, necessita ser despertado nas primeiras etapas do letramento literário a fim de que o leitor esteja disposto a se apropriar dos diversos saberes existentes nesta arte que ganhou o *status* de disciplina escolar, mas que nunca deixou nem deixará de ser arte. De acordo com Santos (2010),

aprender a ler, mais do que decodificar o código linguístico, é trazer a experiência de mundo para o texto lido, fazendo com que as palavras impressas tenham um significado que vai além do que está escrito, por passarem a fazer parte também da experiência do leitor (SANTOS, 2010, p. 40).

Com o decorrer da exploração do texto literário, isto é, após a leitura, o professor precisa direcionar a interpretação textual e estimular a reflexão nos alunos a fim de que eles se questionem e consigam fazer uma relação entre o que está sendo dito no texto literário de maneira ficcional e o que acontece na realidade ao redor dele mesmo. Desse modo, a produção de sentido ocorrerá de maneira natural, o texto literário passará a fazer sentido para o aluno, pois ele compreenderá que por meio da ficção a realidade é representada.

Ancorados na visão de literatura, oferecida por Barthes, bem como, nas três forças da literatura, acreditamos que seja um bom caminho, enquanto metodologia de ensino de literatura. Ao tomar como prioridade o texto literário, para que a partir de um trabalho bem elaborado, com o texto, seja possível proporcionar maior conhecimento aos alunos, bem como despertar o interesse pela leitura à medida que se possa também tornar as aulas de literatura mais ligadas à realidade dos estudantes. Assim, o processo de aquisição de conhecimento ocorrerá de maneira mais concreta, logo, passará a fazer sentido.

Enfim, como já exaustivamente discutido, o ensino de literatura necessita de novos caminhos. Assim, ao nos voltarmos para o aluno e para sua realidade, e estabelecer uma ligação significativa com o texto literário, acreditamos que pode, se não sanar, mas contribuir enormemente para um redimensionamento do viés teórico dado ao ensino de literatura. Há necessidade premente de resgatar a visão de que a literatura, em última instância, reflete acerca de questões existenciais, que nos fazem humanos. Nesse sentido, essa metodologia pode contribuir, também, para que o aluno adquira melhores condições de ler o mundo e, nesse sentido, viver plenamente.

## Referências

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da Literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1993.

BARTHES, Roland. **Aula**. Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. São Paulo: Cultrix, 2004.

\_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

CÂNDIDO, Antônio. **O direito à Literatura**. In: Vários escritos. 4. ed. Duas cidades: Ouro sobre azul. São Paulo; Rio de Janeiro. 2004.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

# TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. 15. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Leonor Werneck dos. **Literatura infantil e juvenil na prática docente**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2010.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 1995.

\_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.